

Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme

*Revista científica internacional de acesso aberto
publicada nas versões online e impressa*

<http://surlejournalisme.com/rev>

Chamada para publicação

Reportagem de guerra

Data de publicação da chamada: **1º de maio de 2020**

Data final de recebimento dos artigos: **1º de novembro de 2020**

Editores desta edição especial:

Monica Martinez (Universidade de Sorocaba, Brasil)

Denis Ruellan (Sorbonne Université, França)

Lassané Yameogo (CNRST- Université Ouaga 2, Burkina-Faso)

A reportagem de guerra tem um status particular a partir da perspectiva do jornalismo e dos seus estudos. Em termos de representações e imaginações, o gênero é importante. Isso porque ele ocupa um lugar especial, altamente valorizado. Os/as alunos/as não raro se referem a ele para justificar seu projeto profissional. As livrarias frequentemente oferecem obras autobiográficas ou antologias de repórteres. Muitos filmes de ficção têm como assunto ou estrutura a correspondência de guerra. Finalmente, a violência no exercício da profissão (sequestros, mortes, repressões) leva a uma cobertura extraordinária da mídia.

Apesar deste poder simbólico (ou por causa dele), a reportagem de guerra não é estudada tanto quanto possível. Existem alguns trabalhos históricos importantes, como a obra de Knightley (1975 - 2004), um vasto acervo da Crimeia ao Iraque ou, mais recentemente, a pesquisa de envergadura de Simard-Houde (2017) sobre repórteres, incluindo correspondência de guerra. Estudos sobre estratégias de comunicação de forças armadas e governos têm frequentemente interessado os/as pesquisadores/as. Pode-se ver a esse respeito o trabalho sobre a propaganda nazista durante o Terceiro Reich (Klemperer, 1996; Y. Arani, 2011; Férard, 2014); o estudo de Hallin sobre a Guerra do Vietnã “sem censura” (1989); as publicações de Robinet sobre o gerenciamento das relações francesas das forças armadas com a mídia durante os conflitos na África (2016), as análises dos sistemas de controle dos/as repórteres ditos *embedding* (incorporados/as a uma unidade militar) nas guerras do Oriente Médio (Bizimana, 2014; Allan; Zelizer, 2004). Os estudos sobre a midiatização de conflitos contemporâneos (Wolton 1991; Boltanski 1993; Beauregard et al. 2002; Charaudeau 2001) são um pouco mais frequentes, assim como as investigações sobre o impacto das mensagens transmitidas pela mídia no público receptor (Eck 1985; Tchakotine 1992). Algumas pesquisas se concentraram no papel desempenhado pelo rádio no genocídio de Ruanda (Chrétien et al. 1995; Thompson 2006) ou na contribuição da mídia para os processos de paz na África (Baumann et al. 2000; Arrous, 2001; Frère, 2005; 2011). Já estudos sociológicos são mais raros. Podemos citar pesquisas sobre enviados/as especiais para El Salvador (Pedelty, 1994), as regras de relacionamentos de jornalistas em situações de guerra (Markham, 2013) e as práticas profissionais na perspectiva de gênero (Ruellan, 2018; Martinez, 2020). A psicologia é pouco usada, exceto no trabalho de Feinstein (2013).

Essa discrepância entre a importância simbólica do gênero jornalístico e a relativa escassez de trabalhos justifica esta edição especial da revista *Sobre jornalismo – About Journalism – Sur le journalisme*. Várias abordagens podem ser empregadas.

1 – Em primeiro lugar, **os imaginários da reportagem de guerra**, sua representação e circulação. Poderia ser a ocasião para se questionar o poder dos imaginários: quando e como eles se impõem, por quais mediações, por quais atores, sobre quais suportes, em quais formas narrativas? O acesso ao campo, aos atores, às situações, aos arquivos, poderia ser investigado. Trata-se de analisar as dificuldades específicas de um terreno perigoso, oculto, política e culturalmente muito sensível, profundamente carregado de crenças e desafios que obstruem as possibilidades do olhar externo e motivam formas criativas particulares. Para, a partir dessa perspectiva, entender como os relatos da violência de guerra e as representações deles resultantes são construídos.

2 – Outra perspectiva poderia questionar **a constituição e as evoluções da reportagem de guerra**. Quando começa, em quais condições, como se torna uma especialidade? Isso mudou desde então? O próprio conflito armado sofreu mudanças profundas nos últimos duzentos anos, de confrontos online à violência assimétrica, passando pelas guerras de trincheiras. Ocorre o mesmo com o jornalismo de guerra? Os conflitos de hoje são difusos, em territórios mal definidos, realizados por grupos mais ou menos autônomos e instrumentalizados, por meio de atos não convencionais de guerra e termos genéricos como "terrorismo". A guerra é também o meio pelo qual os poderes econômicos e políticos rivais se confrontam dentro de um país, sem que um estado de guerra seja declarado. Esse é o caso dos conflitos relacionados ao tráfico e ao submundo do crime, que são enriquecidos pelos comércios ilícitos e pelo uso de grande violência, particularmente no que diz respeito à mídia quando esta está envolvida em denunciá-los. A guerra se torna um fenômeno total. Ela afeta profunda e duradouramente as sociedades, sem necessariamente emergir de um estado de conflito total que atinge as instituições políticas e sociais, a economia e a cultura. Nessas condições, a reportagem de guerra ainda é um gênero jornalístico distinto?

3 – **A sociologia dos/as repórteres de guerra** também é um ponto essencial. Quem são eles/elas, como fazem suas carreiras, qual o papel da guerra em suas trajetórias profissionais? Desde a sua criação, a especialidade é praticada por colaboradores da mídia sem vínculo trabalhista permanente. Mas há uma grande diferença entre os/as correspondentes militares ou diplomáticos de outrora que escreveram suas próprias experiências nos jornais e os/as jovens *freelancers* em situação de precarização de hoje, para os/as quais a guerra serve como um experimento para encontrar um lugar no jornalismo. Atualmente, os números de mortalidade de repórteres em missão mostram que as vítimas são quase todas locais, das zonas de conflito, o que significa que enviados/as do exterior são agora uma categoria rara no volume de produção de informações de guerra. Muitos atores da produção também são invisíveis, em especial guias, tradutores/as, motoristas, assistentes indispensáveis a repórteres em zonas de guerra. Finalmente, conflitos recentes (no Iraque e na Síria em particular) mostraram o papel crucial dos atores sociais, frequentemente chamados/as de "jornalistas cidadãos/ãs", na captura e transmissão de imagens de combate e vida em zonas de guerra.

4 – **O papel das forças armadas e dos próprios governos** como produtores de conteúdo, *press releases*, imagens, reportagens completas ou fragmentos destas destinados à mídia e por ela repercutidos, pode ser questionado. Poderíamos investigar mais amplamente a cooperação de jornalistas e militares, empresas de mídia e Estados maiores no contexto de conflitos. Assim, as relações de produção poderiam ser vistas não só do ponto de vista de tensões, oposições e competições entre militares e jornalistas, mas também do ângulo dos interesses comuns, de necessidades mutuamente satisfeitas. A capacidade real (além da imaginada) da mídia e dos jornalistas de observar e relatar o curso dos eventos de guerra poderia ser questionada em termos de meios, estratégias e *know-how* de comunicação que as instituições militares e os Estados

desenvolveram de forma considerável nos últimos 150 anos. O olhar sobre a cooperação dos interlocutores do jornalismo no campo também pode levar em consideração a multidão de atores e organizações não governamentais que prestam assistência às vítimas civis e tentam influenciar o curso dos conflitos e a memória que deles conservaremos no futuro. Isso é feito por meio do trabalho de apoio que fazem aos jornalistas, ao produzir suas próprias representações e meios de comunicação e ao coletar dados que poderão ser usados posteriormente para provar abusos e crimes de guerra.

Submissão de artigos finais (de 30.000 a 50.000 caracteres com espaço, incluindo referências e notas de rodapé) até 1º de novembro de 2020 para o seguinte endereço: denis.ruellan@gmail.com.

Os artigos podem ser escritos em **inglês, francês, português ou espanhol**.

Os artigos serão avaliados em sistema de **blind review**.

A revista científica *Sobre jornalismo – About journalism – Sur le journalisme* está indexada nas seguintes bases de dados: EBSCO Communication Source collection, [European Reference Index for the Humanities and the Social Sciences \(ERIH PLUS\)](#), [Archive ouverte en Sciences de l'Homme et de la Société \(HAL-SHS\)](#), [DOAJ](#), [EZB \(Elektronische Zeitschriftenbibliothek\)](#), Google Scholar, [Mir@bel](#), [Sudoc](#), [Sumários.Org](#), WorldCat (OCLC). Está inscrita na lista de periódicos qualificados na França (HCERES). Classificação Qualis-Capes 2013-2016 (Brasil): B5.